

SIMÕES DIAS

Sua vida e obras

x

1911 No dia 20 de Novembro, sem qualquer aviso ou notícia prévia, ao que parece por virtude do falecimento do pai do Poeta (85), foi colocada na casa onde Simões Dias nasceu, na Bemfeita, a lápida comemorativa de tal facto.

Esta lápida, que diz textualmente: «NESTA CASA NASCEU EM 5 DE FEVEREIRO DE 1844 O GRANDE PROFESSOR E DISTINTO POETA DR. JOSÉ SIMÕES DIAS» — havia sido mandada fazer pela Câmara Municipal de Arganil, de harmonia com as deliberações tomadas nas sessões de 10 de Abril de 1899 e 20 de Julho de 1906, e foi colocada e descerrada no lugar próprio pela família do glorificado. A cerimónia revestiu-se, porém, da maior modéstia e singeleza, não tendo comparecido quaisquer autoridades nem amigos, mesmo os mais íntimos, do homenageado, pouquíssimas sendo até as pessoas da Bemfeita que presenciaram o acto, não só pelo sigilo rigoroso que sobre a data do descerramento se fez, mas porque proposadamente se escolheu para ele uma segunda-feira.

O Visconde de Sanches de Frias fez, por isso, publicar em *A Comarca de Arganil*, de 30 do mesmo mês de Novembro, o discurso que teria proferido naquela solenidade, se dela tivesse tido antecipado conhecimento.

1912 A 21 de Janeiro, a Junta Paroquial da Bemfeita solicitou à Câmara Municipal que fosse dado o nome de Simões Dias ao largo existente no centro da povoação (86). A 2 de Maio, a Câmara, «reconhecendo quanto era justa essa homenagem», deferiu ao pedido.

1913 No dia 27 de Abril de 1913, foi inaugurada a placa que deu a designação de «Praça Simões Dias» à praça da Bemfeita, tendo sido lançados nessa ocasião muitos foguetes e morteiros (87).

1918 Quasi 20 anos depois da morte de Simões Dias, publicou-se mais uma edição, a 14.^a, do seu livro didático, destinado aos estudantes das escolas oficiais e particulares do ensino secundário, «Teoria da Composição Literária».

1921 Um neto do Poeta, Mário Simões Dias, jovem de 18 anos, a quem atroz enfermidade roubára, três anos antes, a luz do olhar, publicou (88) o seu primeiro livro de versos, «Outonos», consagrando-o à memória de seu avô, «como lembrança eterna duma sentida saudade», e abrindo-o com a estância da «Musa Peninsular» (89), que começa:

*Eu canto como canta o passarinho
Pousado à tarde no rochedo alpestre.*

1943 A Câmara Municipal de Arganil deliberou, na sua reunião de 25 de Março, tomar a iniciativa de comemorar condignamente o centenário do nascimento de José Simões Dias (90).

MÁRIO MATHIAS.

(85) — *A Comarca de Arganil*, de 1 de Janeiro de 1911, inserindo uma correspondência da Bemfeita, dava conta do frio que enregelava, do primeiro comício ou conferência republicana feita na Bemfeita, no dia de Natal, pelo primeirista da Faculdade de Direito, José Elias Gonçalves, e acrescentava: *consta-nos que em breves dias vai ser colocada uma lápida comemorativa na casa onde nasceu o grande e sábio poeta José Simões Dias.*

Este boato, não se confirmou, porém, nem o que anunciou a colocação da lápida no mês de agosto, pois só em 20 de novembro se realizou essa consagração, conforme relata *A Comarca de Arganil*, de 23 desse mês (n.º 558, ano XI). Após a notícia sucinta do facto, que é acompanhada dum retrato do Poeta, insere esse número um agradecimento assinado por Albino Simões Dias Cardoso, António Simões Dias, Judith de Menezes Simões Dias, Carlos de Figueiredo Simões Dias e Carolina de Sá Simões Dias, irmãos, filha, genro e cunhada do homenageado, que fazendo referência especial à Câmara Municipal de Arganil e aos srs. Visconde de Sanches de Frias, António Nunes de Carvalho e Eugénio Moreira, dão conta da colocação da lápida, esclarecendo que ela se fez *sem solenidade alguma, em virtude do luto em que teem estado e continuam a estar, pela morte de seu querido pai, ao 2.º dia.*

No entanto, a morte do pai do Poeta havia ocorrido mais de 21 meses antes, pois António Simões Dias falecera precisamente ao dia 19 de Janeiro de 1910, na sua casa da Bemfeita, pelas 8 horas da noite, e na idade de 85 anos.

(86) — A propósito desta deliberação, travou-se então uma pequena polémica, de que *A Comarca* se fez eco. Ao dar a notícia da resolução da Junta, o correspondente da Bemfeita referiu que *ainda houve quem pretendesse contraditar a obra de Simões Dias, o que provocou, depois de outros reparos, a publicação de uma carta assinada por Urbano Dias, e mais tarde uma declaração, que o mesmo fez inserir n' A Comarca, assim redigida:*
«Declaram que na sessão de 21 de Janeiro

de 1912 foi proposto pelo vogal António Coimbra França que se pedisse à ex.^{ma} Câmara que se desse o nome de Simões Dias à Praça desta povoação e pelo vogal Urbano Dias foi dito que *apesar desta terra nãoihans benefícios materiais lhe dezer se não ozanha, mas que devia também pôr-se o nome ás ruas da povoação, pois que ele tinha ido a muita terra e nunca encontrou terra nenhuma que tivesse orapa sem nome e ruas sem éle.* — Bemfeita, 16 de Junho de 1912. — (aa) O presidente, Guilherme da Fonseca; o vogal, José Dias Gonçalves.

(87) — O correspondente de *A Comarca* dá nota, em tom jocoso, da colocação deste letreiro, a que chama «lata», informando que a placa — que era de esmalte — havia sido comprada por algumas pessoas da família do homenageado.

(88) — Mário Simões Dias, que nasceu a 1 de Junho de 1903, é filho de D. Judite de Menezes Simões Dias e do dr. Carlos Simões Dias de Figueiredo.

O livro «Outonos», de 70 páginas, formado 11,5 x 7, foi editado em 1921 pela «Coimbra Editora, Limitada». Contém 24 poesias, de diversos estilos, algumas de notável simplicidade e pureza, que fazem lembrar a musa do autor das «Peninsulares», como, entre outras, sucede em «As Pombas» e nalgumas quadras de «O Teu Sorriso», que transcrevemos:

*Um dia uma pombinha tódá branca,
Duma brancura ideal,
Quilindo ao longe a vos duma outra pomba,
Fugiu do seu pombal.
E lá se foi no vago azul do céu,
Até que finalmente
Foi achar escondida a companheira
Num ninho almitente.
E as duas pombas lá ficaram juntas
No aconchegado leito.
Meu coração era a pombinha branca,
O ninho... era o teu peito.*

*Sorriste; nem tu calculas
O que eu senti nessa hora!
Par'ceu-me que a minha vida,
Da noite se fez aurora.*

*.....
E penso que a minha vida
Se encerra nesse sorriso,
Que para mim é um tesouro;
Vale mais que o paraíso.*

*.....
Esse sorriso, que queres?
Na tua bôca trêssesa,
E' um perfume que passa
E me entontece a cabeça.*

(89) — «Peninsulares», 5.^a edição, páginas 167 e 168.

(90) — Os jornais locais, *A Comarca de Arganil* e «Jornal de Arganil», louvaram a iniciativa, e a Casa da Comarca de Arganil, de Lisboa, aplaudindo a atitude camarária, deliberou associar-se e colaborar na comemoração.